

Rebeca Buzzo Fertrin
Universidade Estadual de Campinas

Lea Maria Leme Strini Velho
Universidade Estadual de Campinas

Mulheres em construção: o papel das mulheres mutirantes na construção de casas populares

Resumo: O presente estudo buscou analisar o papel dos grupos sociais e das interações entre eles no processo de construção do artefato tecnológico 'casa popular', com destaque para o papel desempenhado pelas mulheres. O acompanhamento de um projeto habitacional em desenvolvimento e as informações coletadas de várias fontes revelaram que não apenas o artefato foi moldado pelas relações sociais, mas também que o processo construtivo por meio do mutirão provocou mudanças significativas nas relações anteriormente estabelecidas entre os moradores. Nesse contexto, alguns papéis sociais desempenhados pelas mulheres mutirantes foram alterados substancialmente: elas ocuparam a liderança nas negociações; assumiram o trabalho 'pesado' e 'perigoso' na obra e; construíram – juntamente com as casas – sua nova 'identidade feminina'.

Palavras-chave: tecnologia; casa popular; grupos sociais; mulheres; identidade feminina.

Copyright © 2010 by Revista Estudos Feministas.

Introdução

A casa representa o lugar do indivíduo no mundo, local onde ele passa os períodos mais significativos de sua vida pessoal. É na sua casa que o indivíduo deixa transparecer sua essência, seus valores, sua cultura. Mas, para que uma casa exerça funções que superem a de um simples abrigo, a delimitação do espaço deve ser adequada às expectativas do morador, pois este atribui significados particulares a cada espaço, derivados de seus costumes, hábitos e crenças. Interferir no modo de habitar das pessoas pode significar o condicionamento de seus hábitos. Por isso, a definição do modo de habitar está intrinsecamente ligada às práticas sociais de cada grupo ou família.

Desse modo, as políticas públicas destinadas à habitação social devem prever o envolvimento do público no processo de decisão sobre a futura casa, respeitando, assim, as preferências de cada família. Entretanto, os programas habitacionais brasileiros destinados às famílias de baixa renda tendem a excluir os futuros moradores da participação nas decisões sobre sua própria casa.

Nesse contexto, buscou-se acompanhar um Projeto Habitacional brasileiro em fase de desenvolvimento, com o objetivo de analisar a influência dos diversos grupos sociais – especialmente do grupo de futuros moradores – na definição do *layout* das casas populares. À medida que cada grupo social se articulava para defender suas visões sobre a modelagem da casa, as relações sociais entre os indivíduos dentro e fora de seu grupo iam sendo igualmente (re)modeladas.

Através da abordagem do construtivismo social da tecnologia, este estudo de caso permite ilustrar, de maneira empírica, o processo de co-construção existente entre a sociedade e a tecnologia:¹ a tecnologia pode ser vista como um produto das interações sociais e não como algo dado e, por outro lado, a tecnologia pode alterar ou condicionar ações da sociedade. Portanto, não se pode limitar o entendimento do processo de construção da tecnologia como uma via de mão única, onde somente a tecnologia é moldada no decorrer do processo. Além da tecnologia estabelecida, sua trajetória de construção pode também desencadear mudanças nas relações entre os vários atores sociais, visto que a própria organização dos grupos sociais para a participação no debate sobre a futura casa, com a definição das lideranças e a atribuição de poderes aos indivíduos, já modifica os papéis sociais e as relações anteriormente estabelecidas.

Neste trabalho, é enfatizada a participação das mulheres mutirantes no desenvolvimento do Projeto Habitacional Jardim dos Lírios não apenas pela sua representatividade como chefes de família, mas também por assumirem uma postura diferenciada da dos homens nas negociações com os outros grupos sociais, no trabalho do mutirão e na percepção sobre a futura casa. A construção das casas populares através do sistema de mutirão tornou-se um *locus* privilegiado para investigar a relação entre tecnologia, gênero e poder.

O enfoque nas relações entre gêneros poderá explicitar, dentro do processo de construção da tecnologia, não apenas a modelagem do artefato pela sociedade, mas também o ‘caminho contrário’ dessa trajetória – a ‘re-modelagem’ das relações sociais decorrentes do processo de conformação da tecnologia – ressaltando, para tanto,

¹ Embora existam inúmeras visões e controvérsias sobre o conceito de tecnologia, emprega-se, neste trabalho, o termo tecnologia com o sentido de artefato tecnológico, em conformidade com a abordagem do Construtivismo Social da Tecnologia.

as mudanças nos papéis sociais desempenhados pelas mulheres, com a redefinição de poderes, significados e lideranças, bem como na autoimagem que as mulheres carregavam de si mesmas, por meio da experiência no mutirão.

A casa como produto social

A visão Construtivista da Tecnologia, conforme Pinch e Bijker,² propõe categorias de análise específicas para reconstruir os processos de produção e negociação que geram artefatos tecnológicos, tendo como objetivo 'abrir a caixa preta' da tecnologia e apresentar os elementos e atores que a modelaram. Dentre as categorias propostas pela abordagem, destacam-se os conceitos de grupos sociais relevantes, flexibilidade interpretativa, estabilização e fechamento das controvérsias. Aos atores ligados ao processo de construção do artefato, Pinch e Bijker chamam de grupos sociais relevantes, que podem ser representados por instituições, empresas ou grupos de indivíduos organizados ou não, sendo agrupados para efeito de análise de acordo com a percepção que apresentam do artefato. A finalidade e significado do artefato são diferentes para cada grupo social, e esta diferença de percepção é denominada pelos autores de flexibilidade interpretativa.

As diferentes visões sobre o mesmo artefato geram conflitos de interesses entre os grupos envolvidos, dando origem a um processo de negociação entre os grupos sociais relevantes. Na fase de negociação, o artefato pode sofrer alterações não somente em sua forma externa, mas também no seu significado para os grupos. Além disso, o artefato passa por um processo de seleção, onde algumas ideias iniciais 'sobrevivem' enquanto outras desaparecem. As opiniões inicialmente apresentadas vão sendo reavaliadas pelos grupos e tendem a um processo de estabilização, reduzindo a possibilidade de surgimento de uma inovação radical.³ Após este estágio de convergência de opiniões, o processo de construção do artefato começa a caminhar para um fechamento da situação de conflito.

Com base nessa abordagem construtivista da tecnologia, acompanha-se o processo de construção do artefato tecnológico 'casa popular' em um Projeto Habitacional na cidade de Americana/SP, financiado com recursos do Programa de Subsídio à Habitação de interesse social⁴ (PSH). Esse programa dá prioridade à mulher chefe de família e às famílias com renda até três salários mínimos, alcançando tanto a população urbana como a rural.

As linhas de financiamento brasileiras para aquisição de casa própria e destinadas às famílias com renda de

² Trevor PINCH e Wiebe BIJKER, 1987.

³ Conforme algumas ideias iniciais vão sendo excluídas do debate durante o processo de negociação, o leque de possibilidades de formas a serem incorporadas pelo artefato diminui e os grupos sociais passam a discutir somente as ideias 'sobreviventes', ou seja, a forma do artefato passa a ser debatida a partir de um número cada vez menor de possibilidades, caminhando para um fechamento da situação de conflito. Nesse estágio, uma nova ideia tem pouco espaço para ser inserida no debate, visto que os grupos já se posicionaram e se fortaleceram, defendendo uma das ideias iniciais.

⁴ BRASIL, 2004.

até três salários mínimos apresentam algumas particularidades com relação a outras destinadas às famílias de renda superior. O *layout* da casa popular não é idealizado pelo futuro morador, mas segue um padrão preestabelecido ditado pelo Programa Habitacional que financia sua construção. Ao ser definido um modelo padrão de moradia para diferentes famílias, desconsidera-se o estilo de vida desses futuros moradores, impondo-lhes um modo de vida diferente daquele que havia sido cultivado e que não reflete a sua cultura.

Os futuros moradores são também distanciados (ou excluídos) do processo de decisão envolvendo o *layout* da sua casa, sendo apenas informados dos resultados pelos grupos com maior poder de decisão na rede. São esses elementos que modelam o artefato casa popular: o poder de determinados grupos define o *layout* da 'habitação social' sem a plena participação dos futuros moradores. Diante da falta de recursos, os moradores acabam encarando o modelo de casa padrão e as condições de construção através de mutirão como uma oportunidade: um primeiro passo para a aquisição da 'casa dos sonhos'.

Em consonância com a abordagem analítica social construtivista de Pinch e Bijker, são identificados os seguintes grupos sociais relevantes dentro do Projeto Habitacional estudado: a) Governo Federal, no papel de garantidor do acesso à moradia; b) Caixa Econômica Federal, como gestora do PSH; c) Prefeitura de Americana, idealizadora do Projeto Habitacional; d) Equipe Técnica, representante da Prefeitura; e e) Mutirantes, no papel de futuros moradores.

A Prefeitura do município, após identificar a carência de moradias adequadas no bairro Jardim dos Lírios, solicitou recursos do PSH à Caixa Econômica Federal (CEF) a fim de financiar a obra. A CEF é responsável pelos repasses de recursos governamentais destinados à habitação. Somente após a aprovação do Projeto Habitacional Jardim dos Lírios pela CEF, momento onde a arquitetura das casas populares já havia sido definida, a Prefeitura selecionou as famílias que iriam participar do Projeto Habitacional. Alguns critérios foram considerados para seleção das famílias: moradia em favelas de Americana/SP, ausência de outro imóvel registrado em nome do titular e renda familiar de até três salários mínimos. A idade do chefe de família e o tempo de residência no município eram indiferentes para a seleção, conforme determinação do próprio PSH.

As famílias beneficiadas tiveram dificuldades em negociar com os outros grupos sociais envolvidos nesse primeiro momento, devido ao fato de o projeto da casa já ter sido definido – conforme exigência do Programa de financiamento – antes das famílias serem selecionadas para

participar do Projeto Habitacional. Nesse contexto, a possibilidade de envolvimento dos grupos de moradores na fase de negociação do *layout* da futura casa havia sido comprometida.

Esse cenário rígido, que aparentemente já definiria a forma do artefato sem nenhuma participação dos usuários, tornou-se um ambiente favorável para que esses usuários se organizassem e pressionassem os outros grupos para que o artefato não fosse fechado totalmente, possibilitando pequenas alterações no projeto inicial que facilitariam futuras adaptações no período de pós-ocupação.

O trabalho no mutirão – embora tenha sido considerado árduo – foi fundamental para a conformação dos futuros moradores como um grupo, contribuindo para o fortalecimento das relações de coleguismo entre eles e estimulando o envolvimento do grupo na definição de estratégias para que conquistassem espaço no debate sobre a futura casa. Assim, junto com o início da obra, iniciou-se também a articulação desse importante grupo de modo a ultrapassarem os limites de participação impostos pelos grupos com maior poder de decisão na rede, representados pelo Estado e Caixa Econômica Federal através da normatização do PSH e demais regras de financiamento.

Os mutirantes do Jardim dos Lírios compartilham histórias de vida muito similares. A maioria dos moradores veio da região nordeste do país em busca de melhores condições de vida para sua família no estado de São Paulo. No entanto, a mudança não ofereceu as melhorias no padrão de vida esperadas pela maior parte desses indivíduos. Devido à baixa qualificação e ao excedente de mão de obra nos grandes centros urbanos, muitos deles experimentaram declínio em seu padrão de vida e acabaram tendo a favela como único caminho.

O Projeto Habitacional significava então, para muitas famílias, uma oportunidade única de conquistarem a casa própria. Através da casa, seria alterado o *status* do indivíduo favelado para morador do bairro, ele passaria a ser reconhecido efetivamente como parte integrante da cidade e, dessa forma, seria legitimado seu direito de acesso aos serviços públicos. O próprio processo de construção física das casas contribuiu para transformações na vida dos indivíduos, alterando o significado da moradia para esse grupo e o relacionamento entre os futuros moradores.

Os futuros moradores permaneciam unidos como grupo para ganharem força frente aos outros grupos sociais e, por outro lado, as expectativas pessoais dos moradores sobre a futura casa impulsionariam conflitos de interesses dentro do próprio grupo. As relações de poder manifestas entre os grupos sociais envolvidos no debate foram então

reproduzidas pelos 'subgrupos' internos ao grupo de mutirantes, reacendendo questões como liderança, relações entre gêneros e cooperação entre os indivíduos.

As mulheres mutirantes tornaram-se um exemplo de subgrupo bastante ativo no desenvolvimento do Projeto Habitacional, tendo seu papel social alterado no decorrer da construção das casas. Elas exerciam funções diferenciadas com relação aos homens desse mesmo grupo – assumiram papéis de liderança tanto nas fases de negociação com outros grupos sociais, quanto no trabalho considerado pesado e perigoso na obra –, superando as expectativas sobre a atuação feminina no mutirão.

Representatividade feminina durante as reuniões com a equipe técnica

O principal canal para reivindicações e debate entre os grupos eram as reuniões periódicas entre a Equipe Técnica (representantes da Prefeitura) e os Mutirantes. O grupo de Mutirantes tinha grande participação nessas reuniões, sendo representado fortemente pelo subgrupo das Mulheres Mutirantes.

O conceito de subgrupo – como um complemento do conceito de grupo social relevante na abordagem social construtivista – vem ao encontro da ideia de que os grupos não são necessariamente homogêneos, podendo haver conflitos e negociações não somente entre diferentes grupos, mas também dentro de um mesmo grupo social relevante.⁵ Dessa forma, considerou-se, dentro do grupo Mutirantes, o subgrupo composto pelas mulheres mutirantes, posto que as mulheres – tanto as chefes de família, que representavam 50% do total de inscritos no Projeto, como aquelas que não se declararam chefes de família – tiveram papel diferenciado do grupo como um todo no processo de construção das casas. No Brasil, as mulheres chefes de família compõem uma parcela significativa do *déficit* habitacional, além da proporção de mulheres chefes de família ser muito maior nas faixas de renda mais baixas do que na população em geral. Esse fato justifica a tendência de alguns programas habitacionais brasileiros, como o PSH, em privilegiar financiamentos a esse grupo.⁶

É importante ressaltar que as mulheres, neste estudo, não formavam 'naturalmente' um subgrupo por apresentarem características e interesses inerentes à sua condição biológica, mas se mantinham unidas através de uma 'afinidade', reflexo dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres.⁷

As 'qualidades femininas' tradicionalmente idealizadas contribuem para a caracterização de papéis

⁵ Hans KLEIN e Daniel Lee KLEINMAN, 2002.

⁶ IBGE, 2000.

⁷ Donna HARAWAY, 2004.

sociais correspondentes, como as de 'esposa submissa' e 'boa dona de casa', em contraponto ao modelo masculino de 'autoridade familiar' e 'provedor do lar'. No caso estudado, esses modelos começaram a ser contestados pelas próprias mulheres mutirantes, durante o processo de construção das casas, à medida que os papéis sociais tradicionalmente atribuídos aos homens e mulheres foram sendo trocados e confundidos. É frequente nas declarações dos mutirantes, o apontamento do homem como fraco, acusado de 'viver no bar' e incapaz de assumir responsabilidades, enquanto a mulher 'trabalhava no pesado'. Nesse contexto, a mulher já não oferece apenas uma 'ajuda' em casa, mas passa a se responsabilizar pelo trabalho no mutirão, pelos filhos e, muitas vezes, pelo sustento da família. Esse comprometimento feminino pode ser evidenciado diante de uma maior participação feminina em todas as fases do projeto habitacional.

Observando as listas de presença em algumas reuniões entre os anos de 2004 e 2007, identificou-se que a presença feminina durante as reuniões atingia cerca de 80% do total de participantes. O grande número de mulheres presentes nas reuniões deve-se ao fato de, além dos 50% de mulheres cadastradas como chefes de família, os homens titulares serem representados pelas companheiras. Em média, 22% das mulheres que participavam das reuniões não estavam inscritas como titulares, apenas representavam seus companheiros.

Eu não ia nas reuniões, era a mulher que ia porque era à noite e eu trabalhava. (Luiz – 33 anos, chefe de família) (relato)⁸

⁸ Os relatos presentes neste artigo foram retirados de entrevistas realizadas junto às famílias mutirantes do Projeto Habitacional Jardim dos Lírios, em Americana/SP, durante o ano de 2007. Ao longo do texto, esses relatos aparecerão com destaque (itálico) e com a seguinte referência: (relato).

Não eram apenas as companheiras que representavam os homens nas reuniões. Constam nas listas de presença assinaturas de filhas, cunhadas e até sogra representando o titular, aumentando ainda mais o número de mulheres presentes nas reuniões.

Nas atas de reuniões analisadas observa-se o registro de seis intervenções ou propostas atribuídas exclusivamente às mulheres em comparação com nenhum registro atribuído aos homens. São comuns os relatos de propostas e intervenções atribuídas ao grupo de mutirantes e não a uma pessoa em especial. Os poucos relatos sobre manifestações organizadas ocorreram também dentro do subgrupo de mulheres.

Uma ocasião de destaque na participação das mulheres foi a manifestação realizada na Secretaria de Desenvolvimento Urbano. Durante a manifestação foram apresentadas diversas reivindicações, juntamente com um abaixo-assinado organizado exclusivamente por mulheres,

visando pressionar a Prefeitura para abreviar a entrega das casas, mesmo que inacabadas, aos mutirantes que possuíssem maior número de horas de trabalho na obra. O episódio da manifestação das mulheres para a entrega das casas aos mutirantes que tivessem maior número de horas leva a crer que as famílias lideradas por mulheres tinham horas em vantagem sobre aquelas lideradas por homens.

Essa manifestação das mulheres mutirantes teve forte repercussão no curso do Projeto Habitacional, levando a Equipe Técnica a retomar o assunto durante a reunião seguinte e propor uma reunião especial para rever alguns pontos sobre a construção das casas. A antecipação da entrega das casas, resultado da manifestação das mulheres, fez com que, no momento da ocupação, as casas estivessem inacabadas – sem muro, sem portão, sem calçadas e sem a instalação dos *kits* de cozinha e banheiro – diferentemente da expectativa inicial descrita no Projeto Habitacional avaliado pela CEF. O fato das casas terem sido entregues inacabadas fez com que o artefato casa popular não fosse ‘fechado’ totalmente naquele momento e estimulou/facilitou a diversificação das casas no período pós-ocupação. Assim, os mutirantes foram excluídos do processo de definição do artefato tecnológico pelos grupos com maior poder de decisão, mas conseguiram, por meio da organização do subgrupo das mulheres, interferir no momento de fechamento do artefato, produzindo um ‘segundo fechamento’ individualizado para cada família no momento de ocupação. Após a ocupação das casas, os futuros moradores teriam então que encarar uma segunda luta pela moradia adequada: a adaptação da casa padrão de forma a transformá-la em uma moradia que atendesse às necessidades de sua família e, dessa vez, sem o apoio do Estado.

A reivindicação das mulheres trouxe também outras alterações positivas ao seu grupo, como a revisão dos critérios de classificação dos mutirantes para a escolha das casas e o modelo de pontuação no banco de horas.

No decorrer do Projeto Habitacional, algumas famílias desistiram de participar do projeto e outras foram excluídas por não conseguirem realizar as horas de trabalho exigidas no mutirão. Dentre essas famílias, dezessete eram chefiadas por homens, o que representa 77% do total de famílias desistentes ou excluídas. Isso, de certa forma, evidencia que as mulheres tinham um compromisso maior com o Projeto ou que tinham menos opção que os homens para conseguir sua moradia própria.

Mesmo com todas as limitações e dificuldades em negociar, derivadas da posição dos outros grupos sociais relevantes, as mulheres mutirantes se empenharam muito para influenciar nas decisões que estavam ao seu alcance,

demonstrando o enorme significado que a casa adequada representava em suas vidas.

Força feminina no mutirão: a mulher pedreira

Foi estabelecido pela Prefeitura, em conjunto com os futuros moradores, um documento denominado Regulamento Interno do Mutirão. Esse documento esclarecia normas da construção de casas pelo sistema de mutirão no PSH e definia pontos sobre a rotina de trabalho na obra, tais como: a cooperação de parentes e amigos no trabalho do mutirão, o número de horas mensais trabalhadas na obra pelo titular, os deveres dos participantes, as proibições durante a participação no projeto e as respectivas penalidades.

As normas contidas no Regulamento Interno do Mutirão consideravam que o titular do financiamento (chefe de família) devesse cumprir a carga horária de oitenta e quatro horas mensais de trabalho no mutirão, sem auxílio de amigos ou parentes. Somente em caso de atraso na obra, a Equipe Técnica indicaria a possibilidade de aumentar o número de integrantes por família até que fosse restabelecido o ritmo normal.

Para muitos trabalhadores, tornava-se muito difícil conciliar as horas exigidas no mutirão com as horas de trabalho necessárias para garantir o sustento da família. Caldeira⁹ argumenta que, na luta imediata pela subsistência e pela melhoria do padrão de vida, a casa própria significa para os trabalhadores pobres, escapar do aluguel, do cortiço e da favela, sobretudo viver de uma maneira um pouco menos penosa, fatos que justificam, na perspectiva dos trabalhadores, todos os obstáculos e dificuldades do árduo processo de construção.

Durante a construção das casas populares, outro trabalho obrigatório aos mutirantes era a guarda noturna da obra, que tinha por objetivo garantir a segurança dos materiais utilizados. Era feita uma escala pela assistente social dos dias em que cada mutirante iria trabalhar na guarda, de modo que o controle de frequência era monitorado por meio de uma lista de presença assinada pelos mutirantes durante o trabalho. Diariamente eram escalados nove mutirantes para participarem da vigilância noturna da obra, combinando-se em turnos e fazendo o revezamento dos postos de guarda entre eles.

No caso em que o chefe de família fosse uma mulher e não conseguisse realizar alguma fase da obra que exigisse maior esforço físico, ela poderia recorrer a um amigo ou parente para auxiliar no cumprimento daquela fase,

⁹ Teresa Pires CALDEIRA, 1984.

conforme discurso da Diretora da Unidade de Desenvolvimento Urbano Comunitário, durante reunião com os mutirantes: “há mulheres tão capazes quanto os homens para trabalhar na obra, mas há trabalhos e algumas etapas da obra para os quais se exige maior esforço físico, sendo aconselhável a contratação de homens”.

Nesse discurso, a Equipe Técnica reflete uma visão de que deva haver separação entre o trabalho a ser executado por homens e mulheres. Essa percepção da Equipe Técnica sobre o trabalho feminino tem forte influência nas oportunidades de trabalho dadas aos homens e mulheres dentro do mutirão, visto que atuam como agentes políticos. Em diversas passagens, há uma tentativa desse grupo em envolver os homens no trabalho ‘pesado’ por associarem a construção das casas como um trabalho masculino.

O número de mulheres cadastradas como chefes de família no Projeto Habitacional, como se viu pelos dados apresentados anteriormente, era bastante representativo. Mesmo tendo a possibilidade de recorrer à mão de obra contratada para a realização de algumas fases consideradas ‘pesadas’, a maioria das mulheres acabava executando as tarefas que eram atribuídas aos chefes de família em todas as fases, já que elas possuíam rendimentos muito baixos e seria impossível arcar com gastos de contratação de terceiros. Por outro lado, grande parte das mulheres casadas, embora tivessem os maridos como representantes da família, também assumiram, e sozinhas, o trabalho considerado ‘pesado’ no mutirão.

No início do Projeto Habitacional algumas mulheres se comportavam de maneira submissa com relação aos homens, mas no decorrer do projeto esse perfil foi sendo transformado. Muitas assumiram papéis de liderança diante da omissão masculina (no caso das mulheres casadas) ou da sua condição de chefe de família, desprendendo-se do ‘modelo de mulher’ tradicionalmente atribuído pela sociedade, reconstruindo ou ‘ressignificando’ sua ‘identidade feminina’.

Podem-se entender as construções das identidades femininas e masculinas como sendo reflexo das referências culturais, sociais, econômicas e políticas, produzidas por símbolos, representações e relações de poder, sendo alteradas ao longo do tempo e de acordo com diferentes contextos, e não por oposições binárias e fixas de homem e mulher, conforme Schwartz.¹⁰ A ruptura com o ‘modelo de mulher’ idealizado – frágil, dependente, submissa, incapaz, irracional – pode ser observada tanto no depoimento dessas mulheres, quanto nas passagens ilustrando o trabalho no mutirão e as negociações com outros grupos sociais, onde foram ressaltadas a força, organização, planejamento,

¹⁰ Rosana Maria Pires Barbato SCHWARTZ, 2005.

liderança e autonomia com que as mulheres conduziram o processo de construção das casas.

Com relação à omissão dos homens no trabalho do mutirão, a principal justificativa apresentada por algumas mulheres casadas era o fato de seus maridos trabalharem fora e não terem tempo para cumprir as horas necessárias na obra. Porém, outras mulheres declararam que os homens não quiseram participar nem quando tinham oportunidade de cumprir as horas, deixando toda a responsabilidade sobre elas.

A conquista maior foi das mulheres. As mulheres que trabalharam. Meu marido trabalhava para sustentar a casa e eu tinha que ir no mutirão, não teve jeito. Eu adoeci por causa do trabalho pesado, como a maioria das mulheres adoeceu. (Zenaide – 31 anos, casada)

Com certeza foi as mulheres que trabalharam mais, porque os homens trabalhavam fora. Até o fiscal de obra da Prefeitura pedia para ir mais homens. Teve tempo que abriram de sábado para os homens irem, mas não ia mesmo assim, ia mesmo as mulheres. (Paula – 24 anos, casada)

A mulher que trabalhou mais. Tinha homem que ia pro bar e a mulher trabalhando. Esse mutirão foi o mutirão das mulheres. (Margarida – 53 anos, chefe de família)

As mulheres trabalharam mais. Os homens que não sabiam trabalhar, não queriam aprender... só [trabalhavam] os que já sabiam. (Vilma – 33 anos, chefe de família) (relato)

Chama a atenção o fato de que algumas mulheres casadas tentavam, de certa forma, justificar, na entrevista, a falta de envolvimento de seus maridos no trabalho do mutirão, embora dessem a entender que a divisão do trabalho entre o casal não estava sendo satisfatória. Diversas mulheres chefes de família protegiam as outras mulheres casadas, sentindo-se no direito de denunciar e manifestar sua indignação com o que elas julgavam ser o pequeno envolvimento dos homens nas tarefas de construção.

No depoimento da mutirante Paula, após justificar que os homens não trabalhavam no mutirão pelo fato de trabalharem o dia todo fora, fica clara sua opinião de que no período em que foi permitido o trabalho no mutirão aos sábados, buscando dar oportunidade aos homens de trabalharem na obra, as mulheres continuavam a executar as tarefas necessárias no lugar de seus maridos.

Pode-se observar, em outro depoimento, a insatisfação de Vilma ao relatar que muitos homens disponíveis para

o trabalho na obra não o faziam, alegando não saber executar o serviço. Entretanto, esses homens não se interessavam em aprender o trabalho quando lhes era ensinado pela Equipe Técnica. Essa passagem aponta que o trabalho não remunerado na obra pode ter sido visto por alguns homens como um trabalho feminino, uma extensão do trabalho doméstico, embora fosse pesado. Aponta, também, mais uma tentativa da Equipe Técnica de envolver os homens no processo de construção, mesmo que esses tivessem sido substituídos por suas esposas no trabalho, o que não comprometeria o andamento do mutirão, nem tampouco as horas de trabalho a serem cumpridas por cada família. Sendo assim, a tentativa da Equipe Técnica em atrair mais homens para o trabalho pode indicar uma desconfiança por parte desse grupo no trabalho desempenhado pelas mulheres na obra, reforçando assim, uma visão preconcebida de divisão do trabalho em virtude do sexo.

O trabalho realizado pelas mulheres casadas no mutirão serviria, nesse contexto, para garantir que seus companheiros continuassem cumprindo seu papel de provedor do lar, realizando o 'trabalho de verdade', aquele remunerado mesmo que não fosse 'pesado', ou seja, essas mulheres continuavam desempenhando o papel de suporte de seus maridos. Pode-se inferir, nesse caso, uma sobreposição dos papéis 'tradicionalmente' divididos entre um casal, ao mesmo tempo marcando e mesclando as fronteiras entre o que seria trabalho masculino e feminino. Marcando a fronteira porque parece indicar, por parte dos mutirantes, a ideia de que o trabalho não remunerado seria de responsabilidade feminina, como uma extensão do trabalho doméstico. Ao mesmo tempo, mescla a fronteira ao atribuir às mulheres trabalhos tradicionalmente vistos como masculinos, tais como a construção e a vigia noturna. É como se a falta de remuneração do trabalho no mutirão o transformasse de 'masculino em feminino' e de 'público em doméstico'.

O trabalho não remunerado transferia, então, a responsabilidade da obra à mulher, como um novo papel. Muitas mulheres assumiram plenamente seu novo papel no trabalho do mutirão a ponto de ultrapassarem seus limites físicos e 'adoecerem' por causa da construção das casas, refletindo o imenso significado que a conquista da casa representava para elas. Embora o significado da casa tenha sido descrito como um 'sonho' entre homens e mulheres mutirantes, eram as mulheres que batalhavam por essa realização, enfrentando os desafios do trabalho na obra.

O mutirão do Jardim dos Lírios era visto como um 'mutirão de mulheres', e percebido dessa forma tanto pelos mutirantes, mulheres e homens, quanto pela Equipe Técnica.

Ah, a parte da mulher, pra falar a verdade, foi maior. Foi mais a força da mulher que dos homens [na construção], pra dizer a verdade, não adianta a gente querer falar que não foi. (Cláudio – 40 anos, chefe de família)

Praticamente quem trabalhou mesmo foi as mulheres. (José – 32 anos, chefe de família)

Eu acho que não teve diferença [entre o tipo de trabalho executado por homens e mulheres]. Nesse mutirão quem trabalhou mesmo foi as mulheres, porque os homens quase não iam construir, ficava só as mulheres. (Roberto – 29 anos, chefe de família)(relato)

A visão dos homens mutirantes sobre a dedicação das mulheres ao trabalho indica que elas obtiveram o reconhecimento de seu grupo, por serem tão capazes quanto os homens para realizar o trabalho de construção. No entanto, uma pequena parte dos homens mutirantes, apesar de reconhecerem que as mulheres se dedicaram mais à construção das casas, ainda resistia em admitir que as mulheres fossem capazes de realizar o trabalho ‘pesado’ na obra, igual ou melhor que os homens.

No relato apresentado a seguir, a esposa interrompe a entrevista do marido, corrigindo-o no momento em que ele declarava certa diferença entre o trabalho do homem e da mulher desempenhado no mutirão:

[Homem] *Não teve diferença, foi tudo igual. Se bem que o serviço ‘pesado mesmo’, tipo bater concreto...*

[Esposa interfere] *O que? As mulheres também faziam isso, faziam de tudo...*

[Homem complementa aborrecido] *É... elas faziam também. (relato)*

Era difícil para alguns homens admitirem que as mulheres fossem capazes de desenvolver plenamente o trabalho considerado ‘pesado’ na obra, sem o auxílio dos homens. O trabalho realizado pela mulher era, algumas vezes, classificado somente como uma ajuda, mesmo que esse trabalho fosse idêntico ao realizado pelo homem.

Um estudo denominado *Trabalho e Gênero: A Percepção das Masculinidades a partir de uma Perspectiva Geracional*,¹¹ aponta que o discurso de homens referente ao trabalho da mulher pode variar de acordo com a faixa etária, conforme observado durante entrevistas com funcionários de uma empresa metalúrgica em São Carlos/SP. Homens com mais de 40 anos tendem a reproduzir com maior frequência o modelo de homem ‘provedor do lar’ e ‘mulher dona de casa’, diferentemente dos trabalhadores

¹¹ Daniel PERTICARRARI, Fernanda COCKELL e Jacob LIMA, 2007.

na faixa dos 30 aos 39 anos de idade que apresentam um discurso de igualdade entre homens e mulheres um pouco maior do que entre os trabalhadores mais velhos. Identificou-se também que, independente da faixa etária, alguns entrevistados afirmaram aceitar a mulher no trabalho externo ao lar em determinadas circunstâncias, especialmente quando em conjunturas de crises econômicas, ou queda no salário do marido.

O discurso de reconhecimento do valor do trabalho da mulher por homens mais jovens pode ser reflexo de uma atitude um pouco mais crítica e reflexiva frente à realidade social. Isso pode ter sido o que ocorreu no presente estudo. Ou seja, o reconhecimento, por parte dos homens, da igualdade das tarefas desempenhadas por mulheres e homens no mutirão pode ser reflexo tanto da faixa etária dos chefes de família (quase 70% deles têm menos de 40 anos), quanto da consciência da 'crise econômica' familiar e da contribuição que a mulher está dando para sua solução.

Mesmo com um maior reconhecimento do trabalho feminino entre populações de menor renda, ainda está longe de ser alcançada uma igualdade no que se refere ao trabalho desenvolvido por homens e mulheres. Um estudo desenvolvido pelo IPEA, em 1997, revelou que os três grupos ocupacionais com mais alto grau de feminização – serviços domésticos, vestuário e serviços de barbearia e beleza – representavam 52% do emprego feminino, contra apenas 2% do emprego masculino. Por outro lado, os cinco principais grupos ocupacionais masculinos – construção civil, serviços de reparação, serviços de transportes, serviços braçais e indústria metalúrgica – representavam 54% do emprego masculino e apenas 2% do emprego feminino.¹²

Poderíamos entender a concentração de mulheres em determinados trabalhos pelo fato desses exigirem menor esforço físico, ou seja, serem considerados 'leves'. No entanto, qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são 'leves' as atividades que se prestam à execução por mão de obra feminina ou mesmo infantil, tendo também uma menor remuneração quando comparadas àqueles consideradas 'pesadas', mesmo que ambas demandem o mesmo número de horas ou que o esforço físico exigido por uma tenha como contraponto a habilidade, a paciência e a rapidez requeridas pela outra. O serviço 'leve' pode ser igualmente estafante, demorado, ou mesmo nocivo à saúde, mas considerado 'leve' se pode ser realizado por mulheres ou crianças. O que determina o valor da remuneração é, em suma, o sexo de quem a recebe.¹³

Ao analisar o imaginário sobre homens e mulheres na esfera do trabalho, deve-se considerar que ele está fortemente associado ao imaginário sobre os homens e as

¹² Ricardo BARROS, Ana MACHADO e Rosane MENDONÇA, 1997.

¹³ Maria Ignez PAULILO, 1987.

mulheres na família e no conjunto da sociedade. Assim, não se pode discutir uma dessas dimensões e negligenciar a outra.¹⁴

¹⁴ Lais ABRAMO, 2007.

O trabalho 'pesado' tem maior remuneração devido a uma valorização social do homem enquanto 'chefe de família', responsável pela reprodução de seus 'dependentes'. O trabalho das mulheres ainda fica em segundo plano, representando apenas uma 'ajuda' à composição do orçamento familiar. Desse modo, o trabalho é 'leve' não por suas próprias características, mas pela posição que seus realizadores ocupam na hierarquia familiar, conforme Paulilo.

De fato, tais ideias dicotômicas – pares de conceitos, objetos ou sistemas de crenças opostos, como: gênero-sexo, pesado-leve, feminino-masculino, público-privado – estão presentes na maneira de nossa sociedade entender o mundo. No entanto, essas representações tornam invisíveis as possibilidades existentes entre esses extremos. Até mesmo o sexo de um corpo é complexo demais para ser resumido em masculino ou feminino: existem *nuances* de diferenças entre esses extremos, e rotular alguém como homem ou mulher é uma decisão social, de acordo com Anne Fausto-Sterling.¹⁵

¹⁵ Anne FAUSTO-STERLING, 2001.

Para a autora, a visão de sexo e gênero entendidos dentro de uma dicotomia – onde a categoria sexo pertence exclusivamente ao domínio da biologia e a categoria gênero ao domínio social – foi durante muito tempo criticada entre as feministas. Uma importante crítica nesse sentido é de que o próprio conhecimento científico sobre sexo é afetado pelas nossas crenças sobre gênero.

Diversos estudos no campo da biologia, quando observados sob uma perspectiva de gênero, apresentam o feminino como subordinado ao masculino, demonstrando que muitos preconceitos presentes na nossa cultura são transpostos e reforçados no campo da ciência. Tal subordinação pode ser observada explicitamente nas narrativas científicas em diversos níveis, desde o nível cromossômico e celular até o fisiológico, anatômico ou de comportamento.¹⁶

¹⁶ Carolina Martínez PULIDO, 2004.

Feministas da década de 70 argumentavam que, embora os corpos de homens e mulheres tivessem diferentes funções reprodutivas, existem poucas diferenças de sexo que não podem ser mudadas pelas vicissitudes da vida. Argumentavam também que o fato de algumas meninas não aprenderem matemática tão facilmente quanto os meninos, não significava que o problema estivesse em seus cérebros, mas eram dificuldades decorrentes das normas de gênero – expectativas e oportunidades diferentes com relação a meninos e meninas.¹⁷

¹⁷ FAUSTO-STERLING, 2001.

A visão dicotômica oculta também a heterogeneidade dentro de cada categoria e a extensão da interdependência dos termos apresentados como opostos. Tal interdependência é também comumente apresentada de forma hierárquica, ou seja, um termo ressaltado como dominante, prioritário e visível e seu oposto entendido como subordinado, ausente ou invisível. Dessa forma, pode-se entender a ideia de que existam valores estritamente 'femininos' como sendo decorrentes de uma visão dualista que homogeneiza a categoria mulher, além de assumir certos padrões de comportamento como 'naturais' ao invés de terem sido construídos socialmente.¹⁸

¹⁸ Joan SCOTT, 1988.

As expectativas enraizadas em nossa sociedade sobre as 'qualidades femininas' limitam também as oportunidades das mulheres no mercado de trabalho e fazem com que as profissões consideradas 'leves' e, conseqüentemente, 'femininas', tenham remuneração inferior àquelas consideradas masculinas. Mesmo entre profissões iguais e cargos iguais, os dois sexos podem ter remunerações distintas.

Situações discriminatórias com relação ao trabalho desempenhado por homens e mulheres não aparecem apenas entre profissões 'populares', mas também ocorrem entre profissões que exigem extrema qualificação, como no campo da pesquisa científica. Áreas das ciências exatas, tidas como masculinas, apresentam discrepâncias na alocação de verbas, bolsas de pesquisas, condições para criação/manutenção de laboratórios, bem como os salários e aposentadorias entre homens e mulheres, fato que pode influir na implementação, desenvolvimento e qualidade das pesquisas executadas por homens e mulheres.¹⁹

¹⁹ Cristina Tavares ROCHA, 2006.

Um estudo realizado entre homens e mulheres nas engenharias constatou diferenças em termos de salário e – principalmente – do próprio trabalho oferecido a esses dois grupos.

A dinâmica da divisão sexual do trabalho tem-se encarregado de restabelecer a 'ordem de gênero' internamente a esse campo profissional, sinalizando as atividades permitidas às engenheiras e aquelas que ainda não o são, a cada novo nicho, a cada nova subárea de trabalho que se abre nas engenharias. E as imagens e concepções de gênero presentes na sociedade de uma forma geral e na profissão, em particular, continuam exercendo seu papel simbólico, justificando aquela ordem: o feminino subordinado ao masculino.²⁰

²⁰ Maria Rosa LOMBARDI, 2006, p. 192.

As mulheres acabam se distanciando de áreas da engenharia como a Metalurgia, Minas e Mecânica, sendo levadas a optarem pelas carreiras de engenharia Química, Civil e de Produção, ou seja, a engenharia é vista como

uma profissão masculina, mas categorizaram-se algumas subáreas como sendo 'permitidas' às mulheres, conforme Maria Rosa Lombardi.

Até mesmo dentro de cada área, como é o caso dos engenheiros civis, as mulheres engenheiras acabam sendo excluídas de diversas tarefas, algumas delas por se intimidarem com a resistência apresentada pelos 'peões' ou colegas engenheiros, outras, pela falta de infraestrutura para receber mulheres (como a ausência de banheiros femininos na obra), ou mesmo a dificuldade em lidar com alguns equipamentos por serem projetados exclusivamente para atender ao público masculino. Dentro de um mesmo trabalho, as tarefas realizadas por homens e mulheres tendem a ser diferentes. Para Lombardi, a ordem de gênero classifica, reclassifica e hierarquiza áreas de conhecimento e áreas de trabalho, atividades, atribuições e posições hierárquicas como mais ou menos masculinas ou femininas e as valoriza de forma diferente.

Diante do exposto, e à luz do discurso das mulheres mutirantes de que elas realizaram todas as tarefas da mesma forma que os homens, buscou-se investigar se houve divisão do trabalho entre homens e mulheres no mutirão Jardim dos Lírios. Procurou-se qualificar as funções das mulheres mutirantes durante o trabalho de construção das casas e, se dentro de cada função, houve alguma subdivisão que excluiu a mão de obra feminina. Para tanto, foram destacadas duas categorias de trabalho tradicionalmente consideradas estritamente masculinas: o trabalho visto como 'perigoso' e o trabalho qualificado como 'pesado'.

Sobre a exposição ao risco no caso estudado, o foco da análise se deu principalmente no trabalho de vigilância noturna da obra no Jardim dos Lírios, um bairro periférico considerado inseguro e violento. É importante lembrar que o trabalho noturno era restrito aos homens até a Constituição de 1988, por ser considerado perigoso. Esses trabalhos que demandam e desafiam a virilidade de um trabalhador, acabam acionando sua identidade masculina, podendo favorecer condutas prontas e vigorosas, além de situações em que a saúde e a integridade (física e mental) sejam postas em risco.²¹

²¹ Willer MARCONDES et al., 2003.

O trabalho de vigilância noturna da obra, mesmo sendo considerado inseguro, também teve maior participação de mulheres do que de homens mutirantes. Segundo dados apurados pela assistente social da Equipe Técnica, a proporção diária de guardas na obra era em média de 60% de mulheres para 40% de homens. Dentre cinco mulheres entrevistadas que tinham um companheiro, duas relataram terem sido acompanhadas por eles durante a vigilância noturna:

[...] Eu e meu marido em Nova Odessa fazia casa. Só que eu não tive ninguém que ia pra mim nesse mutirão, mas meu marido fazia guarda comigo, às vezes. (Marta – 48 anos, Chefe de família)

Meu marido não trabalhou na obra porque tinha que sustentar a casa, mas ele fazia a guarda comigo. (Helena – 30 anos, Casada) (relato)

Observam-se, nesses casos, que os homens apareceram como coadjuvantes no trabalho principal, oferecendo apenas uma 'ajuda' ao trabalho considerado perigoso desenvolvido pelas mulheres, não reproduzindo o modelo do feminino subordinado ao masculino. No entanto, isso pode ser um reflexo de que alguns homens não identificaram os trabalhos relacionados à obra como se fossem de sua responsabilidade, já que a eles apenas competia sustentar a casa com a remuneração do trabalho externo.

A mesma hierarquia que organiza, pelo valor, as diferenças entre trabalhos realizados por homens e por mulheres, possibilitou o não reconhecimento dos trabalhos que ocorrem na esfera doméstica e são relacionados ao mundo privado. Os cuidados, geralmente atribuídos às mulheres, com as crianças, a casa e seus moradores, não são considerados trabalhos, pois seriam classificados 'apenas' como atividades de manutenção das condições para a realização do 'autêntico trabalho', este sim, verdadeiramente produtivo por se transformar em produtos cujos valores são monetarizáveis.²²

²² MARCONDES et al., 2003.

Dessa forma, é razoável supor que alguns homens sentiam a necessidade de acompanhar sua companheira na guarda noturna, não por se sentirem responsáveis pelo trabalho, mas talvez por se apoiarem em um discurso paternalista, ao ver a mulher como uma 'flor frágil' que deveria ser sempre protegida e, sempre que possível, ser reconduzida ao que seria seu legítimo lugar, o espaço doméstico.²³

²³ MARCONDES et al., 2003.

O trabalho na obra mesmo não sendo remunerado – o que pode ter liberado alguns homens de se sentirem responsáveis pela sua execução – era ainda considerado um trabalho 'pesado' e incompatível com as 'habilidades femininas'.

Os mutirantes consideravam trabalho 'pesado' como sendo, em geral, os trabalhos realizados por um pedreiro e os 'leves', os trabalhos realizados pelo auxiliar ou 'servente' de pedreiro. De acordo com as definições dos próprios mutirantes, enquanto o pedreiro é responsável por assentar tijolos, colocar telhas, revestimentos, janelas e portas, o servente de pedreiro presta uma assistência ao serviço do pedreiro, carregando os tijolos ou outros materiais, misturando a massa (cimento) e auxiliando na limpeza da obra.

Dentre as oito mulheres entrevistadas, três afirmaram apenas ajudar a carregar os materiais, realizando o trabalho de servente de pedreiro, e cinco delas afirmaram ter trabalhado como pedreira, realizando todos os trabalhos necessários, sem restrições. Os homens puderam confirmar os valores apurados: dentre os sete homens mutirantes entrevistados, cinco afirmaram que as mulheres realizaram todo o tipo de trabalho incluindo o considerado 'pesado', sendo que dentre esses, três afirmaram que as mulheres trabalharam mais que os homens em todas as fases da obra. Dois dos entrevistados afirmaram haver certa diferença no trabalho de homens e mulheres, no qual o homem aparecia como executor do trabalho 'pesado'.

Assim, de acordo com os entrevistados, o trabalho 'pesado' e de maior destaque na obra foi realizado em maior quantidade pelas mulheres mutirantes, contrariando as expectativas – da Equipe Técnica, dos homens e das próprias mulheres mutirantes – com relação ao chamado 'sexo frágil'.

As mulheres mutirantes contavam sempre em detalhes sobre cada fase da obra de que tinham participado, refletindo o orgulho por realizarem sozinhas os trabalhos considerados masculinos. O mutirão foi para as mulheres mais que a construção das casas, foi onde elas se descobriram ainda mais fortes e capazes, se uniram, fortaleceram a amizade, o respeito entre elas e, principalmente, o respeito por elas próprias.

Fiz de tudo um pouco, fui pedreira, assentei tijolo, piso, tudo. Só não fui arquiteta e também não subi no telhado. Eu fui a que trabalhei mais do mutirão. (Zenaide – 31 anos, casada)

Assentava tijolo, cobria a casa, coloquei porta, janela, reboque, encanamento, tudo! Casa de material foi a primeira vez que eu fiz, quando eu morava em Rondônia, construía casa de madeira. Mas assim foi a primeira e espero que a última... foi sofrimento demais. (Vilma – 33 anos, chefe de família) (relato)

Quando se busca a desconstrução da visão dicotômica relacionando trabalhos femininos e masculinos, deve-se, além de rever as expectativas que a sociedade tem sobre as mulheres como essencialmente reprodutoras, rever também as atribuições aos homens como provedores do lar.²⁴

A maior inserção feminina no mundo do trabalho tem provocado mudanças na identidade desse 'provedor', ou seja, a perda relativa da importância do homem enquanto chefe de família tem resultado em mudanças na divisão doméstica do trabalho e na percepção do que é masculino ou feminino.²⁵

²⁴ MARCONDES et al., 2003.

²⁵ PERTICARRARI, COCKELL e LIMA, 2007.

As práticas cotidianas na construção das casas populares contribuíram para uma 'ressignificação' do feminino e masculino entre os mutirantes do Projeto Habitacional Jardim dos Lírios. Além da dedicação no trabalho do mutirão, o engajamento das mulheres mutirantes, durante as negociações com os outros grupos sociais – fruto de uma visão diferenciada sobre a casa – proporcionou a inclusão de seu grupo nas decisões sobre a futura moradia, interferindo no 'fechamento' do *layout* da casa mesmo diante das limitações de participação colocadas pelos grupos sociais com maior poder de decisão.

Considerações finais

A visão diferenciada das mulheres sobre a futura casa, a participação ativa nas reuniões com a Equipe Técnica e a extrema dedicação ao trabalho do mutirão fizeram com que as mulheres ocupassem uma posição de destaque no desenvolvimento do Projeto Habitacional do Jardim dos Lírios. Essa experiência do mutirão, com forte representação feminina no trabalho 'pesado' e 'perigoso', tornou-se um importante exemplo por contribuir para que homens e mulheres mutirantes refletissem (e contestassem) valores e expectativas radicadas em nossa sociedade sobre os papéis a serem desempenhados pelos indivíduos em virtude do sexo.

Assim, este estudo de caso permitiu observar muito além da trajetória de construção de um artefato tecnológico, evidenciando não apenas a modelagem de um artefato pela sociedade, mas também seu 'caminho contrário' – a 're-modelagem' das relações sociais decorrentes do processo de definição da tecnologia. A experiência do mutirão provocou mudanças significativas nas relações entre os moradores, na percepção de cada indivíduo sobre seu papel dentro e fora do grupo, no significado da casa para esse grupo e nas relações entre gêneros anteriormente estabelecidas.

No Jardim dos Lírios, juntamente com a construção das casas, construíram-se também novas mulheres, lutadoras, companheiras e capazes de realizar qualquer trabalho, tendo suas competências reconhecidas até mesmo pelos homens, ganhando mais respeito e contribuindo para diminuir preconceitos e 'desconstruir' certos estereótipos sobre os papéis e tarefas que lhes cabem na divisão social do trabalho.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Lais. "Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho

- secundária?" In: HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana. *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Editora Senac, 2007, p. 21-41.
- BARROS, Ricardo Paes; MACHADO, Ana Flávia; MENDONÇA, Rosane Silva Pinto. "A desigualdade da pobreza: estratégias ocupacionais e diferenciais por gênero." *IPEA*, Rio de Janeiro, Texto para discussão n. 453, p. 1-36, jan.1997.
- BRASIL. Lei n.º 10.998, de 15 de dezembro de 2004. *Estabelece programa de subsídio à habitação de interesse social, e dá outras providências*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Resenha/12_dezembro.htm. Acesso em: 15 out. 2006.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FAUSTO-STERLING, Anne. "Dualismos em duelo." *Cadernos Pagu*, n. 17/18, p. 9-79, 2001/02.
- HARAWAY, Donna. "Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra." Tradução: Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, n. 22, p. 201-246, 2004.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Perfil das mulheres responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfildamulher/apresentacao.shtm. Acesso em: 1º jun. 2007.
- KLEIN, Hans; KLEINMAN, Daniel Lee. "The social construction of technology: structural considerations." *Science, Technology & Human Values*. v. 27, n. 1, 2002. p. 28-52.
- LOMBARDI, Maria Rosa. "Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional." *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, p. 173-202, 2006.
- MARCONDES, Willer Baumgarten et al. "O peso do trabalho 'leve' feminino à saúde." *São Paulo em Perspectiva*, v. 17, n. 2, p. 91-101, 2003.
- PAULILO, Maria Ignez. "O peso do trabalho leve." *Revista Ciência Hoje*, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.
- PERTICARRARI, Daniel; COCKELL, Fernanda Flávia; LIMA, Jacob Carlos. "Trabalho e gênero: a percepção das masculinidades a partir de uma perspectiva geracional." In: CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 4., 2007, São Carlos. *Anais de Eventos da UFSCar*, v. 3, p. 1437, 2007.
- PINCH, Trevor; BIJKER, Wiebe. "The Social Construction of Facts and Artifacts: or how the Sociology of Science and the Sociology of Technology Might Benefit each other". In: BIJKER, Wiebe; HUGHES, Thomas; PINCH, Trevor. *The Social Construction of Technological Systems: New Directions in*

- the Sociology and History of Technology*. Cambridge, MA: MIT Press, 1987. p. 17-50.
- PULIDO, Carolina Martínez. *Gestando vidas, alumbrando ideas: mujeres y científicas en el debate sobre la Biología de la reproducción*. Madrid: Minerva Ediciones, 2004.
- ROCHA, Cristina Tavares da Costa. *Gênero em ação rompendo o teto de vidro*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- SCHWARTZ, Rosana Maria Pires Barbato. “O sonho da casa própria resignificando a identidade feminina durante o processo construtivo de moradias por mutirão na cidade de São Paulo: o Jardim Apuanã e a associação de mutirantes União dos nove do parque Europa I (1983-2005).” In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: GUERRA E PAZ, 23., 2005, Londrina. Anais... São Paulo: ANPUH, 2005. v. 1. p. 1-209.
- SCOTT, Joan Wallach. “Prefácio a Gender and Politics of History.” Columbia University Press, N.Y. 1988. Tradução: Mariza Corrêa. *Cadernos Pagu*, v. 3, p.11-27, 1994.

[Recebido em outubro de 2007 e
aceito para publicação em agosto de 2009]

Women's Role in the Social Construction of Popular Houses

Abstract: *This article aimed at investigating the role of relevant social groups and their interaction in the shaping of a technological artefact, namely, a social housing project in which the future residents are themselves responsible for the construction work. In particular, it focuses on the role of the women in the group of future residents. The close observation of the development of the process together with information from documents and interviews revealed that not only the final artefact is shaped by the social groups but also that the interaction between and within such groups are considerably modified during the process. In particular, the social role of women was significantly changed: they steadily and firmly took over the leading roles; they assumed all sorts of "heavy" and "dangerous" work and, they built, together with the houses, a new female identity.*

Key Words: *Technology; Popular Houses; Social Groups; Women; Female Identity.*